

COMUNICAÇÃO TRANSLINGUÍSTICA E TRANSCULTURAL COM ENFOQUE NA LINGUAGEM IDIOMÁTICA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DISCURSIVA ENTRE O PORTUGUÊS, XICHANGANA E INGLÊS

Armando Jorge Lopes*

Resumo: A aprendizagem e o manejo de regras sobre a *utilização* cotextual da linguagem idiomática (regras que contribuem para a adequação formal e coesão textual) e de regras sobre o *uso* contextual da linguagem idiomática (regras que contribuem para a adequação funcional e coerência discursiva) resultam no aperfeiçoamento da idiomaticidade, quando aos aprendentes de língua é fornecida informação explícita sobre propriedades discursivas e retóricas que envolvem a formulação-alvo em questão. Assim, as principais infelicidades discursivas e retóricas produzidas por interferências da língua nativa ou língua segunda tenderão a ocorrer menos frequentemente sempre que a aprendizagem for apoiada por análises contrastivas discursivas explícitas. O projecto português-xichangana-inglês no contexto moçambicano constitui um passo nessa direcção.

Palavras-chave: Linguagem idiomática. Contrastes multiculturais. Léxico de usos multilingue.

ANTECEDENTES

■ **O** presente artigo é uma espécie de antecâmara ao conteúdo e natureza do livro de Lopes, Mabasso e Langa (no prelo), sobre contrastes idiomáticos em três línguas no contexto de Moçambique e da região Austral de África. As línguas são o português, o xichangana e o inglês, tratadas numa abordagem translinguística e transcultural e com enfoque especial na adequação formal e adequação funcional dos seus usos.

A razão de ser do projecto de investigação que deu origem ao livro supracitado e que foi recentemente apresentado em forma de comunicação (LOPES, 2015c)

* Universidade Politécnica de Moçambique – Maputo – Moçambique. E-mail: alopes@apolitecnica.ac.mz

ao “Congresso Letras em Rede 2015”, na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, teve por base preocupações em torno da empobrecida capacidade macrolinguística que os aprendentes e utentes de língua, em geral, revelam e que são entendidas não apenas como sub-desempenho linguístico mas fundamentalmente como problemas básicos não resolvidos a nível do discurso e da retórica. Naturalmente preocupações desta natureza são igualmente extensivas a outras áreas para além da educativa como são as da comunicação, do jornalismo e da tradução e interpretação. Os aprendentes ou utentes de uma língua (qualquer que seja) têm de adquirir as necessárias convenções e preferências discursivas e retóricas para que o processamento linguístico-discursivo, com especial enfoque na idiomatidade, seja gradual e aceleradamente alimentado pelos naturais paradigmas da coesão textual e coerência discursiva.

A linguagem idiomática tem a ver com as formulações que são peculiares a uma determinada língua, que são mais ou menos fixas e que são normalmente reconhecidas por falantes e/ou escreventes nativos ou quase-nativos dessa língua. Exemplos de formulações idiomáticas são o ditado popular, o provérbio, o idiomatismo, as figuras de estilo, o clichê, a símile, a alusão, as coocorrências gêmeas, o eufemismo, o bordão retórico, o *slogan*, o lugar-comum e a frase feita, a muleta retórica, a pergunta retórica, rotinas pré-fabricadas e ritualizadas, etc. Mas é claro que há sobreposição entre estas categorias e, na verdade, é possível que um sintagma ou expressão seja, ao mesmo tempo, um idiomatismo, um ditado, um *slogan* e um clichê. A *idiomaticidade* é um conceito transdisciplinar porque dela se ocupam e através dela intervêm múltiplas disciplinas que lhe dão vida própria e a monitoram, como sejam, entre outras, a análise do discurso e da retórica (retórica contrastiva quando se tratar de mais de uma língua), a psicologia cognitiva e a teoria da literatura.

Interagir com diferentes línguas e culturas, e, do mesmo modo, interagir com a mesma língua e diferentes culturas é muito útil porque estas interacções fornecem perspectivas diferentes da nossa e nos libertam de preconceitos que, muitas vezes, são condicionados culturalmente. É o que acontece ou poderia acontecer em Moçambique, em que as línguas bantu coabitam com a língua portuguesa, língua oficial do país, falada por cerca de 50% da população (cerca de 25 milhões) e dos quais cerca de 7% como língua primeira. Como procurei argumentar num escrito para a prestigiada Academia Brasileira de Letras (LOPES, 2013a, p. 147), o português é uma língua de múltiplas identidades e tradições, sendo, por isso, importante e útil desenvolver práticas contrastivas entre as formulações do português moçambicano (PM), do português europeu (PE), do português brasileiro (PB) e de outras variedades. Para além das estruturas gramaticais e de seu manejo, o aprendente ou o estudioso de uma língua precisa de adquirir informação explícita (e manejo desta) sobre as propriedades discursivas e retóricas que envolvem a aprendizagem e o desenvolvimento dessa língua. Mais especificamente neste mundo discursivo-retórico, precisa de adquirir, por um lado, regras e práticas que contribuam para a adequação formal e coesão textual, e, por outro, regras e práticas que contribuam para a adequação funcional e coerência discursiva ao processar essa mesma língua.

Com o tempo, o estudioso aprenderá a distinguir e separar as diferentes formulações discursivas, as preferências e convenções que cada língua adopta de molde a evitarem-se transferências negativas entre uma língua e outra que

normalmente resultam em texto incoeso e discurso incoerente. Socorrendo-me paralelamente da clássica dicotomia microlinguística de Widdowson (1978, p. 3) entre *language usage* e *language use* como dois aspectos da *performance*, gostaria de sugerir, à luz de uma abordagem de pendor mais macrolinguístico, que o aprendente ou o estudioso de uma língua aprenda as regras *usage* no âmbito da linguagem idiomática (isto é, as regras que contribuem para a adequação formal e coesão no texto), assim como as regras *use* nesse mesmo âmbito (isto é, regras que contribuem para a adequação funcional e coerência discursiva), porque, em minha opinião, a operacionalização dos dois membros da dicotomia eleva a mestria pelos caminhos da idiomática e, sobretudo, quando o aprendente recebe informação explícita sobre as propriedades textuais, discursivas e retóricas que envolvem a formulação-alvo em questão. A propósito, usamos o termo *formulação* para referir uma realização discursiva como, por exemplo, um idiomatismo ou outra categoria idiomática. Seria semelhante a dizer “estrutura”, só que este é um termo do campo microlinguístico.

Sabe-se desde há muito que o conhecimento do código é uma condição necessária porque não pode haver comunicação verbal sem o código. Mas também sabemos que não é a língua em si que comunica, e que, por isso, o conhecimento do código acaba por não ser condição suficiente para a ocorrência da comunicação. O indivíduo-comunicador deve ser capaz de identificar os contrangimentos culturais, sociais, históricos e psicológicos que, em parte, determinam o que e o como o indivíduo pretende comunicar e, assim, agir de acordo com os constrangimentos extralinguísticos e extra-culturais impostos. Para que falantes e escreventes se comuniquem com sucesso, devem possuir um conhecimento partilhado do código linguístico, conhecimento partilhado de convenções retóricas e formulações discursivas, com especial enfoque na idiomática, assim como um conhecimento partilhado de outras dimensões não-linguísticas e não-discursivas da experiência, incluindo o seu nível literário e a sua visão do mundo (auxiliada pelas estruturas cognitivas também conhecidas por *schemata*).

Infelizmente, tem havido muito pouca investigação publicada sobre a idiomática e os géneros textuais (*genre*) que lhe dão enquadramento, e que tenha por base teorias e métodos recentes da análise do discurso. Exceptuando alguns casos, a investigação da análise textual tem incidido em traços ao nível da palavra e pouco mais, negligenciando assim a organização textual e discursiva, a lógica, o estilo e o registo. Contudo, é neste nível discursivo que se registam bastantes contrastes subtis e é precisamente aqui, em minha opinião, que ocorre grande parte da aprendizagem e/ou aperfeiçoamento de uma verdadeira comunicação efectiva, quer através do texto oral, quer através do texto escrito. É minha convicção que o ensino explícito das formulações retóricas e dos diferentes géneros textuais (*genres*) melhora no aluno a compreensão e o manejo da linguagem idiomática; por outro lado, informa-se explicitamente ao aluno que há relações entre a língua de partida e a língua-alvo que deve aprender e aperfeiçoar nos domínios do discurso, do registo, da cognição, etc. Naturalmente, haverá também neste contexto espaço para incursões no domínio da tradução, visto que a fidelidade associada às formulações idiomáticas e a fidelidade associada ao *genre* que as envolve constituem critérios fundamentais para a avaliação da qualidade de uma tradução.

CATEGORIAS IDIOMÁTICAS

O *ditado popular* é uma expressão muito conhecida e que não é necessariamente atribuída a nenhuma fonte precisa. O provérbio cabe também nesta definição. Exemplo de um ditado, *a galinha do meu vizinho é mais gorda do que a minha* [the grass is always greener on the other side of the fence].

O *provérbio*, que pode ser definido como uma versão geralmente mais curta que o ditado popular, contém palavras consideradas sábias, sobretudo em forma de conselho, advertência, aviso ou preceito. Para além do ditado, os adágios, as máximas e os aforismos são também construções proverbiais, como por exemplo, *passarinho que acorda cedo bebe água limpa* [the early bird catches the worm], *perigo previsto é perigo meio-evitado* [forewarned is forearmed] ou *malhar no ferro enquanto está quente* [to make hay while the sun shines]. Um elemento interessante na relação entre o provérbio, formulações afins e o ditado popular é o da *alusão*, figura de estilo em que há uma referência encoberta ou indirecta a um objecto, pessoa, lugar ou circunstância situados num contexto externo. A alusão permite trazer algo à mente sem que isso seja explicitamente mencionado, visto que a alusão se constrói habitualmente a partir de um conjunto de informações que o falante (ou escrevente) presume que o ouvinte (ou leitor) conhece. Por exemplo, em *temos um novo gigante na província de Gaza*, há uma alusão ao conhecido e famoso Gigante de Manjakaze que viveu no período colonial e que terá provavelmente sido o homem mais alto de sempre na história de Moçambique. A formulação *um pássaro na mão* [a bird in hand] é uma alusão ao provérbio *mais vale um pássaro na mão que dois a voar* [a bird in hand is worth two in the bush]; ou a formulação *Deus os fez* [birds of a feather] é uma alusão ao provérbio *Deus os fez, Deus os juntou* [birds of a feather flock together].

O provérbio é habitualmente aceite como uma construção de prestígio, que é nele mais elevado do que no idiomatismo, o que é surpreendente porque existe considerável sobreposição entre o provérbio e o idiomatismo. Em regra, o provérbio é constituído por uma frase ou frases completas, enquanto que o idiomatismo tende a ocorrer em forma de sintagma. Por exemplo, *chorar sobre leite derramado* [to cry over spilt milk], significando “lamentar o que já não tem remédio” é um sintagma, que pode ser facilmente convertido ou, melhor, reconvertido, numa frase, e neste caso de natureza proverbial como, por exemplo, *não vale a pena chorar sobre leite derramado*.

O *idiomatismo* é uma sequência de palavras que constitui uma unidade de significado, unidade esta que tem de ser aprendida como um todo e não como a soma das suas partes, pois o significado total não pode ser deduzido dos significados das palavras em separado, como nos exemplos *bater a bota* [to kick the bucket], *pegar no touro pelos cornos* [to take the bull by the horns] ou *a luz ao fundo do túnel* [the light at the end of the tunnel]. O termo “idiomatismo” (ou “idiom” em inglês) provém do grego *idios* que significa algo que pertence a alguém, que lhe é peculiar e ao mesmo tempo, por vezes, estranho. É, por isso, que o conceito do idiomatismo está associado à quebra de regras normais, o que acontece semanticamente no que diz respeito ao seu significado e sintacticamente no que toca à sua gramática. O problema com o idiomatismo é que as palavras que o constituem não significam o que essas palavras sozinhas e normalmente significam, porque um idiomatismo não pode ser entendido literalmente.

Um idiomatismo pode, pois, ser uma expressão com significado literal ou mais ou menos literal num determinado contexto, mas com um significado ou sentido totalmente diferente num outro contexto. Na formulação *bater a bota* [to kick the bucket] (neste caso, um idiomatismo que é também um eufemismo), que significa “morrer”, o significado do idiomatismo como um todo não resulta da soma dos significados das partes; o significado do idiomatismo é algo raramente associado ao significado dessas partes. Quanto à referência ao *eufemismo*, trata-se de uma formulação suave, vaga ou perifrástica que substitui a precisão que é, por vezes, brusca ou nada agradável e que os falantes e/ou escreventes com bom domínio de língua utilizam subtilmente para exprimir diferentes tonalidades de significado, incluindo em assuntos que têm a ver, entre outros, com a morte, o sexo e as cerimónias diversas.

Resumindo, o idiomatismo é uma combinação de palavras que tem um significado peculiar que não pode ser deduzido das suas partes e, por isso, o idiomatismo pode, por vezes, parecer ser algo completamente ilógico e absurdo (estranhamente, qualidades de que as pessoas normalmente gostam), devido a esse fosso entre o significado literal dos constituintes individuais do idiomatismo e o significado do todo idiomático; e por isso, também, as pessoas gostarem de quase tudo que é idiomático! Na formulação *estar em maus lençóis*, que ocorre em diferentes variedades do português (PE, PB e PM), ou mesmo ainda noutra realização específica do PM, a saber, *entrar no mato*, não há nenhum significado literal; existe apenas um significado idiomático, que é “estar em apuros” [to be in hot water]. É, pois, virtualmente impossível inferir o significado do idiomatismo a partir das palavras em separado. Na formulação inglesa “the boy spilled the beans all over the table” [lit.: o rapaz espalhou os feijões por toda a mesa], o rapaz teria de limpar a sujidade resultante desse acto; mas em “the boy spilled the beans all over the town”, o significado seria que o rapaz estava a divulgar segredos a todos os que o estivessem a escutar. Por vezes, é possível verificar a ligação entre o sentido literal das palavras e o significado idiomático, porque muitas expressões que se tornam idiomatismos passam por uma fase metafórica em que a referência original é ainda constatável. É claro que a fronteira entre o idiomatismo e a metáfora é imprecisa, não muito nítida. Assim, uma determinada formulação é mais ou menos idiomática numa escala que vai de um ponto de uso normal da língua no seu significado literal a diversos pontos que envolvem graus diferentes de significado metafórico e estrutura sintáctica e também a um ponto extremo do idiomatismo, na acepção total do conceito. Se me referir ao comportamento de alguém que esteja deslocado, fora do seu elemento *como peixe fora de água* [like a square peg in a round hole], é óbvio que literalmente esse não é um comportamento que tem a ver com uma pessoa. O meu ouvinte saberá exactamente o que eu quis dizer, embora não lho tenha dito de forma directa. No exemplo anterior registou-se também uma operação de *símile*, uma figura de retórica que envolve a comparação de uma coisa ou pessoa por outra de espécie diferente, e significando que a primeira é *como* a segunda; através da *símile*, que na comparação se socorre de marcadores do tipo *como, que nem, tal qual*, a descrição torna-se mais enfática, mais e viva, como acontece neste exemplo adicional: *estar fresca como uma alface* [to look as fresh as a daisy]. O idiomatismo é também ainda definido como uma formulação que transmite um significado metafórico, decorrendo este significado da comparação feita de uma coisa ou pessoa com outra, e em que se especifica que a primeira é a segunda,

como no exemplo *Ela foi uma fera nos debates*. O idiomatismo acrescenta cor e frescura à fala e à escrita, tornando-as, assim, mais interessantes, mais atraentes. É claro que alguns idiomatismos vão sendo tão usados que, com o tempo, se transformam em verdadeiros clichês.

O clichê (ou *frase feita*) é um estereótipo (*estereótipos* são representações populares da fala de certos grupos) transmitido por sentenças que exprimem pensamentos, muitas vezes, considerados banais; o clichê não tem uma função didática tão forte e representativa como ocorre no provérbio. Exemplos de clichê, *isto já viu melhores dias* [it's seen better days], *está na cara que...* [needless to say] ou *no final, feitas as contas* [when all is said and done]. O uso do clichê foi bastante apto quando apareceu; mas posteriormente foi perdendo frescura, inclusive no jornalismo, em que o clichê do jornalismo é referido sarcasticamente por *journalese* (um certo estilo de linguagem jornalística), termo que penetrou várias línguas. No caso moçambicano, ocorreram durante bastante tempo clichês como [a cultura é um] *sol que nunca desce* ou [as crianças são] *flores que nunca murcham*; hoje ocorrem frequentemente formulações já bastante usadas e, por vezes, até descontextualizadas, do tipo, *plasmado na lei...*, *ferir a lei-mãe...*, ou *compulsando os factos...*; claro que é difícil definir o clichê porque o clichê pode ser um idiomatismo para uma pessoa, mas um lugar-comum para outra. Na verdade, um *lugar-comum* (ou *chavão*) é uma ideia ou expressão desgastada e trivializada, por excesso de repetição, como por exemplo, *escolha zero* [Hobson's choice], *elefante branco*, *abrir com chave de ouro*, *bon voyage* ou *agradar a gregos e troianos*.

Resumindo, o clichê tem considerável impacto no início, quando surge, e sobretudo em termos populares, mas vai perdendo frescura ao longo do tempo; por vezes, chega-se mesmo a utilizar clichês já bastante gastos por motivos que não se apresentam muito claros e como forma do falante ou escrevente esconder as suas verdadeiras opiniões sobre um assunto. Há ainda os clichês-redundantes que funcionam simplesmente como elementos preenchedores do enunciado, sem nenhum significado especial, como por exemplo, *nesta altura do campeonato* [at this moment in time] em vez do simples “agora”, ou *para aquelas bandas* em vez de “ali”.

Nos exemplos anteriores, e de forma natural, registam-se coocorrências, mas as que mais nos interessam aqui são as que poderiam ser chamadas de *coocorrências gémeas*, ou seja, pares ou grupos de palavras usadas em conjunto, formando expressões idiomáticas e que são ligadas, frequentemente, pelos marcadores *e* ou *ou*. A ordem das duas (ou demais) palavras-chave nos pares ou expressões mais longas não pode ser invertida; as *coocorrências gémeas* podem incluir colocações (como *com todos os efes e erres*; *with all the bells and whistles*; *o primeiro passo*), duplicados retóricos (que são duas ou mais palavras que significam quase a mesma coisa, reforçando-se mutuamente em termos do significado expressado, como *está de boa saúde e recomenda-se* [*alive and kicking*]; *evitar alguém como quem foge da peste*), sinónimos e palavras relacionadas (como *seis de um e meia dúzia do outro*/ *six of the one and half a dozen of the other*; *corpo e alma*/ *body and soul*), antónimos e termos opostos (como *preto e branco*/ *black and white*; *do princípio ao fim*/ *beginning to end*; *vida ou morte*/ *life or death*; *prós e contras*/ *pros and cons*), a aliteração [que é a ocorrência da mesma letra ou som no início de palavras adjacentes ou intimamente ligadas, criando sonoridade] (como *bags and baggage*; *flora e fauna*; *rock and roll*; *quem com ferro*

mata, com ferro morre), o uso de números (como *vinte e quatro, sete* [24/7]; *at sixes and sevens*) e repetição (como *olho por olho; homem para homem; neck and neck; nunca digas nunca; lado a lado; again and again*). De todos estes tipos de co-ocorrência gêmea, e pela sua elevada importância e prioridade atribuída em recentes pesquisas, gostaria de elaborar um pouco sobre a colocação, que é um agrupamento familiar de palavras, especialmente palavras que habitualmente ocorrem juntas, transmitindo assim um significado por associação e funcionando a um nível lexical de análise. O que talvez seja interessante reter da definição de colocação no âmbito do conceito de marcação lexical psicológica (HOEY, 2005, p. 5) é que as palavras estão, à partida, e em considerável medida, marcadas lexicalmente [lexically primed] para participarem em cadeias de coesão (colocação textual) e, eu acrescentaria, participando igualmente em cadeias de coerência (em que teríamos a colocação discursiva). Segundo Hoey (2005), uma palavra marcada psicologicamente provoca, em geral, uma determinada palavra-alvo; ao dizer-se *sala de aulas*, vem mais rapidamente à mente do ouvinte a palavra *professor* ou *aluno* do que uma palavra anteriormente fornecida, mas com pouca ou muito menor relação como acontece, por exemplo, com a palavra *tráfego*. Neste sentido, *sala de aulas* cria psicologicamente uma associação de palavras com *professor*, que a palavra *tráfego* normalmente não cria.

Quanto ao bordão retórico [catchphrase], trata-se de uma palavra ou expressão, repetida com frequência em determinada situação, que se torna num estereótipo, como por exemplo, *o povo é meu patrão!, tiro e queda!* [Bob's your uncle!], *parar o vento com as mãos, a parte incerta, ó pá!, quer dizer..., estás a falar comigo?*. Trata-se de uma formulação que caiu no goto do público que a usa com frequência, uma forma colorida e agradável de expressar uma ideia ou sentimento que uma forma mais directa e convencional não exprime tão bem. De tanto uso, o bordão torna-se, por vezes, em modismo, como por exemplo, *o que realmente conta* [the bottom line], ou slogan como *vá pregar a outra freguesia!* [tell that to the marines!] ou *a primeira impressão é que conta* é uma mensagem, geralmente curta, utilizada em anúncios como forma de identificação de um produto, ideia, causa, serviço ou marca; o slogan, que é bastante usado pelas áreas da propaganda e publicidade, visa dar destaque a esse produto, ideia, causa, serviço ou marca, promovendo-os, e assim procurar atrair a atenção do cliente.

Duas outras categorias que importa destacar no âmbito da fluência e proficiência linguístico-discursiva são a pergunta retórica e a muleta retórica. Em relação à primeira, trata-se de uma pergunta que é feita apenas para a manutenção da idiomaticidade no discurso, uma pergunta que não requer qualquer resposta, pois essa não é essa a expectativa. Exemplos de pergunta retórica, *tem passado bem?* (cumprimento retórico, que não requer resposta), *o que aconteceu ao bom senso?* [what happened to good sense?], *como é que eu sei?* [how should I know?], *pergunta se macaco quer banana!***PB** [is the Pope Catholic?]. Em relação à muleta retórica, esta enquadra-se no que é conhecida por linguagem formulaica que são sons, palavras ou expressões usadas por um falante para indicar a outro falante presente na conversa que ele/ela fez uma breve pausa no que estava a dizer (ou tinha começado a dizer) para significar que estava a pensar antes de continuar a dizer o que pretendia, sob forma de afirmação, explicação, etc. São exemplos, *uhm...*; *é óbvio que...* [it stands to reason...], *y'know...*, *you see...*, *look...*; *olha...***PM**, *é assim...***PE**, *estás a ver, um bom dia para si!* [have a nice day!].

A *linguagem formulaica* – investigada por estudiosos como Wray (2002) – ou *linguagem pré-fabricada* (como um tipo de *sobregeneralização*, isto é, um processo em que o falante utiliza uma formulação discursiva muito para além do seu uso aceitável) ou ainda *linguagem rotineira* (*routine expressions*) ou *rotina conversacional*, como também é conhecida, refere-se a segmentos discursivos que são aprendidos em conjunto, automatizados e utilizados como se fossem unidades singulares, como por exemplo segmentos do tipo *como está?*, quando cumprimentamos uma pessoa ou a expressão *com os meus melhores cumprimentos*; e são também muitos os segmentos que podem ser de outro tipo, como *estás a brincar, é tudo por agora, um bom dia para ti, por outro lado*, etc. A *linguagem formulaica* faz com que a comunicação, em termos linguísticos e discursivos, se torne mais fluente na fala com o interlocutor, a qual está sempre sujeita a constrangimentos temporais e de outro tipo. Há outros estudiosos, para além de Wray (2002), que investigam a *linguagem formulaica* como Wood (2010, p. 48-49) que trata de estudos que classificam as sequências formulaicas em fórmulas situacionais, do tipo, *peço desculpa* ou *como está?*, fórmulas estilísticas do tipo *em conclusão*, ou *em jeito de conclusão*, fórmulas cerimoniais como *senhoras e senhores, moçambicanas e moçambicanos, podem, por favor, ouvir o que tenho para dizer?*, e finalmente, fórmulas designadas por gambitos retóricos (*gambits*) que organizam a interacção, do tipo *agora é a sua vez* ou *o que acha disto?*, etc. Também há referências a fórmulas expressivas, que indicam estados de espírito repentinos, como *muito obrigado, cale-se!, que parvalhão me saístel!*, fórmulas lúdicas como *quem está à frente?*, *eles já estão fora, eliminados* e fórmulas fáticas, que estabelecem, prolongam ou interrompem a interacção, como por exemplo, *adeus, até à vista, gostarias de me ver?* ou *até mais logo*. Quando se fala de *fluência*, mesmo considerando complexidades que discuti anteriormente (LOPES, 2015b, p. 201-202), esta tem a ver com a prosódia da língua, com a pronúncia e o *timing* do diálogo. É impossível falar-se de fluência sem que haja interacção com um falante fluente de uma dada língua, seja ele falante nativo ou bilingue. Por exemplo, um falante nativo do português padrão (por exemplo, um paulistano) conversaria à vontade com um falante lisboeta, mas poderia não ser considerado fluente nessa parte do mundo onde este vive. E o mesmo seria verdade para o caso de inversão das regiões. Por outro lado, ocorre, por vezes, uma grande confusão entre o conceito da fluência e o da *proficiência*. Esta tem a ver sobretudo com as habilidades de compreensão da fala e do processamento da escrita, habilidades necessárias para uma adequada comunicação na língua em questão. Muito embora o falante paulistano pudesse não ser considerado fluente pelo lisboeta em termos do seu dialecto no seu país, ele seria, contudo, considerado totalmente proficiente em termos do domínio da língua portuguesa. A *proficiência* é sobretudo praticada e avaliada através da leitura e da escrita.

A DIMENSÃO CONTRASTIVA

Propositadamente, evitou-se na discussão anterior o recurso à língua xichangana quando se ilustravam as categorias. Como o texto é escrito em português, foi esta a língua utilizada nos exemplos e, por vezes, fazendo também intervir a língua inglesa porque é internacional e tem importância em Moçambique

devido à influência da região da África Austral. Mas, nesta secção, as três línguas são comparadas e contrastadas e, naturalmente, recorrendo-se para o efeito às noções de registo e estilo, e ainda à noção de género textual (*genre*).

Comparar e contrastar equivalentes idiomáticos entre línguas (neste caso, entre o português, inglês e xichangana) põe em destaque a peculiaridade (que é uma característica, traço, propriedade ou qualidade essencial) e a idiossincrasia (o modo comportamental ou a maneira de pensar que é peculiar a um indivíduo ou grupo) dessas diferentes línguas como critério-base para a contrastividade, o que em parte dá suporte ao que é tecnicamente conhecido como hipótese de Sapir-Whorf, hipótese whorfiana ou relatividade linguística – a visão partilhada por vários cientistas de que a forma como as pessoas vêem o mundo é determinada total ou parcialmente pela estrutura da sua língua nativa. Esta posição advoga que as línguas (e nós reforçamos, a idiomaticidade como parte importante destas) são produto do seu contexto e, assim sendo, não se pautam por regras universais. As diferenças entre as línguas de grupos diferentes reflectem parcialmente o modo como falantes distintos vêem o mundo, interagindo neste processo, sobretudo, factores de ordem cultural, social e cognitiva: uma versão mais ténue da inovadora hipótese whorfiana da relatividade linguística.

A semelhança no significado do idiomatismo e outras formulações idiomáticas é o principal critério para o estudo contrastivo. Tal como havia já indicado anteriormente (LOPES, 2014, p. 48), o principal critério é o *tertium comparationis* (TC) ou constante, isto é, a base para a comparação interlíngue. O que fazemos é expressar definições de significado que são neutras do ponto de vista das línguas, para que possam servir de base para uma comparação interlíngue, isto é, o chamado *tertium comparationis*. O TC é, portanto, a qualidade que duas coisas ou entidades que estão a ser comparadas têm em comum. No presente caso, as coisas/entidades são línguas (e mais especificamente nesta instância, os mundos idiomáticos dessas línguas) e são três o seu número, não as habituais duas. Alargámos, assim, o conceito do TC, como base para comparar três (ou mais, se necessário) coisas ou entidades. Assim, comparamos e contrastamos formulações idiomáticas translinguística e transculturalmente. A *semelhança no significado é, pois, a constante ou TC* que é acompanhada sobretudo pela diferença nas realizações formais e, por vezes, em manifestações culturais subjacentes. É claro que há múltiplas variantes para cada caso nas três línguas, mas aqui obviamente cingimo-nos apenas a uma ilustração de cada. Vejamos, então:

1) Formulações completamente diferentes nas três línguas:

- {pergunta retórica} [inf] isso é lá pergunta que se faça! [pergunta se macaco quer banana?!**PB**]=is the Pope [a] Catholic?=utshama uvona mbzana yibaleka rhambu? [lit.: alguma vez viste um cão a fugir do osso?]

Trata-se de pergunta que não requer resposta e se houver resposta, significa que uma dada pergunta elicitava uma resposta afirmativa óbvia, e que, portanto, se trata de uma intervenção irónica!

O interlocutor insinua que a pergunta que ouviu era, no mínimo, desnecessária, pelo facto do contexto ser demasiado óbvio; se necessário, esperar-se-á

apenas por um simples *sim* da parte do interlocutor. Contexto do tipo: *Vai uma 2M?* [está calor e todos sabem que o interlocutor gosta muito da cerveja local, moçambicana]. Responde, então: *Isso é lá pergunta que se faça!*

2) Formulações idênticas no português e no inglês mas diferentes no xichangana:

- {co-ocorrência gêmea} [form] partir de armas e bagagens=to journey with bags and baggage= murimi lwenene afambafamba ni xikomo [lit.: o bom camponês anda com a sua enxada]

Significa: partir com todos os bens, incondicionalmente; com todos os pertences.

A formulação *armas e bagagens* e a correspondente inglesa *bags and baggage* são coocorrências gêmeas, mas a co-ocorrência gêmea portuguesa [armas e bagagens] é uma co-ocorrência gêmea *do tipo colocação (collocation)*, enquanto que a co-ocorrência gêmea inglesa [*bags and baggage*] é uma co-ocorrência gêmea *do tipo aliteração*.

- {idiomatismo} [coloq] pôr o guizo ao gato=to bell the cat=kususa matinyo ya ngwenya [lit.: extrair os dentes ao crocodilo]

Significa: realizar uma tarefa difícil, com grande risco pessoal, visando enfraquecer o inimigo; colocar-se em situação perigosa; tornar um inimigo inofensivo.

3) Formulações semelhantes nas três línguas:

- {co-ocorrência gêmea por reptição} [inf] olho por olho=an eye for an eye=mombo hi mombo [lit.: testa por testa]

Significa: vingar-se na mesma medida da ofensa recebida, vingança essa julgada apropriada para lidar com uma grave ofensa ou crime.

Também, *olho por olho* é uma alusão ao ditado popular olho por olho, dente por dente=an eye for an eye, a tooth for a tooth=mombo hi mombo, tihlo hi tihlo [lit.: testa por testa, olho por olho].

- {clichê} [coloq] estar [ficar] numa boa=to sit pretty=kuqamela hi male [lit.: ter dinheiro como travesseiro]: estar numa situação financeira confortável; estar em situação favorável; estar bem-humorado.

Significa: estar/ficar numa situação favorável; divertir-se muito (linguagem usada sobretudo por jovens).

4) Formulações mais próximas entre o português e o xichangana:

- {bordão retórico} [inf] sacudir a água do capote [sacudir o capote **PM**]=to pass the buck= kutihlampsva mhaka [lit.: lavar-se do problema]

Significa: esquivar-se/livrar-se de problemas ou de acusações; eximir-se de responsabilidades, transferindo-as para outra pessoa. No caso da língua inglesa, a formulação tem igualmente a implicatura de que as responsabilidades ou culpas ficam por aqui; são minhas e não são transferidas para ninguém [isto é, *passing the buck* significa *stopping here*, como popularizou Harry Truman].

- {idiomatismo} [form] [ser] tão diferentes como a água do vinho=[to be] as different as chalk and cheese **B**=kuhambana kufana ni mati ni phalafeni [lit.: diferentes como a água e o petróleo]

Significa: coisas fundamentais e completamente diferentes ou incompatíveis; dois objectos que embora pareçam semelhantes são, de facto, diferentes.

SOBRE O ESTILO, REGISTO E GÊNEROS TEXTUAIS (GENRE) NA DIMENSÃO CONTRASTIVA

A maior parte das formulações fixadas durante o projecto (em livro, brevemente) recebeu, para além da sua categorização, a respectiva indicação sobre o estilo e registo para referir uma situação específica de uso: a abreviatura *inf* (para informal), *form* (para formal), *cal* (para calão) e *vulg* (para vulgar). As formulações pertencentes ao falar de um determinado país são indicadas por *PM*, *PB*, *PE* [português europeu como, amigo de Peniche!; cair o Carmo e a Trindade!; ficar a ver Braga por um canudo!], *B* (inglês britânico), *A* (inglês americano), *Aus* (inglês australiano) ou *Saf* (inglês sul-africano).

Talvez a melhor forma de definir *registo* seja a de uma variedade de língua oral ou escrita mais ou menos específica, especializada e restrita que é própria e usada por um determinado grupo de pessoas, que habitualmente partilham a mesma profissão ou ocupação (por exemplo, advogadas, professores, vendedeiras) ou os mesmos interesses (por exemplo, a linguagem de aficionados do futebol ou a linguagem de crianças capturando formigas voadoras). Na sua aplicação, o conceito de *registo* é de natureza mais colectiva, pertence a um imaginário mais plural. Por exemplo, os modismos (como *o que realmente conta* [the bottom line]/*o cerne da questão* [the name of the game]), que são maneirismos, podem ser um factor que identifica uma época ou mesmo uma certa geração.

O *registo* e o *estilo* são, da forma como os vejo, conceitos associados mas distintos. A melhor forma de definir *estilo* é a variação que ocorre na fala ou escrita de uma pessoa. Habitualmente o *estilo* varia do informal e coloquial ao formal, de acordo com o tipo de situação, tópico, destinatário, etc. Por isso, um determinado *estilo* (coloquial ou formal) é muitas vezes chamado de *variedade estilística*. Na sua aplicação, o conceito de *estilo* é de natureza mais individual, mais pessoal, porque pertence a um imaginário mais singular.

Referimo-nos à *linguagem formal* quando o falante ou escrevente é particularmente cuidadoso na escolha que faz das estruturas linguísticas e formulações discursivas, sendo este tipo de linguagem comum em situações oficiais, debates académicos e cerimónias, entre outros. Quanto a uma possível escala da *linguagem não-formal*, partindo-se da linguagem mais estruturada e elegante (e, por isso, tendente a ser mais aceitável) à linguagem menos estruturada, normalmente menos aceitável, teríamos algo como: informal-coloquial-calão-

-vulgar. A formalidade, informalidade, coloquialidade, o calão e a linguagem vulgar constituem *estilos particulares* e são, por vezes, designados por *variedade estilística*.

A *linguagem informal* é uma linguagem que é mais elaborada do que a linguagem coloquial (esta é usada sobretudo no quotidiano) e que não regista tanta gíria como na linguagem coloquial; a linguagem informal é usada popularmente, no comércio, e entre colegas de serviço: por exemplo, é *porreiro aquele tipo* ou o idiomatismo *meter a pata na poça* com o significado de cometer-se uma imprudência, fazer uma asneira.

A *linguagem coloquial* é a linguagem quotidiana utilizada entre familiares ou amigos íntimos e em que ocorre bastante gíria: por exemplo, *e aí?*, ou o idiomatismo *a dar com um pau*, significando com fartura, algo em grande quantidade.

Quanto ao *calão*, trata-se de linguagem rude, grosseira que tende a seguir a moda e a alterar-se com o decorrer dos tempos; está, muitas vezes, associada a determinadas faixas etárias da sociedade; por exemplo, *no cu-de-Judas*, com o significado de lugar remoto. A linguagem *vulgar* é mais obscena, indecente e descortês, do tipo *a trampa acontece!*, com o significado de que o interlocutor está com azar, que o azar também acontece a ele. Por outro lado, a gíria e o jargão costumam estar tendencialmente associados ao *registro*. A gíria é uma palavra ou expressão utilizada para significar outras, de forma coloquial ou informal, acontecendo, por vezes, que os interlocutores não entendam o que os seus locutores pretendem comunicar; a gíria, que serve para facilitar a comunicação entre pessoas do mesmo grupo, está muitas vezes associada ao linguajar dos jovens, como por exemplo, *a festa está a bombar!PM*, com o significado de muita animação. A gíria é rica lexicalmente e, portanto, também em idiomatismos, como em *fazer o gosto ao dedo* que é gíria relacionada com os caçadores e que significa fazer algo sem obrigação, satisfazendo uma vontade. O jargão é um termo técnico de uma dada área, que é usado na fala e/ou escrita de um grupo de pessoas que pertence a uma determinada profissão (dos médicos, professores, artesãos, etc.); o jargão é constituído por palavras e expressões discursivas especializadas.

É importante, pois, já no mundo de hoje, potenciar as capacidades e habilidades do bilinguismo e da bi-literacia e, embora estes conceitos estejam interligados, são completamente distintos e independentes. O indivíduo que é capaz de ler e escrever em duas línguas é bi-literato e pode ou não ser bilingue. E como já tive a oportunidade de formular no passado (LOPES, 2013b, p. 170; 2004, p. 238), a condição do ser humano unilingue de amanhã poderá vir a ser idêntica à do analfabeto de hoje. Isto é, o indivíduo que amanhã só tiver (só dominar) uma língua encontrar-se-á numa situação idêntica à do indivíduo que hoje, que tendo naturalmente uma língua (a sua), só a sabe utilizar na oralidade, nas suas habilidades da fala e do processamento da fala do seu interlocutor. Do mesmo modo, o indivíduo que se comunica fluentemente na oralidade em duas línguas é bilingue mas poderá não ser letrado nas duas ou ser apenas letrado na primeira língua e funcionalmente alfabetizado na segunda, porque a sua habilidade de ler e escrever nessa língua opera a um nível abaixo do que está normal para o indivíduo dessa cultura.

Finalmente, sobre a importância o género textual (*genre*) na dimensão contrastiva, as variadas formulações idiomáticas inserem-se e têm como pano de fundo diferentes *géneros textuais (genre)*, como por exemplo a conversa, o bate-papo, a

piada, o discurso cerimonioso, o conto, o artigo científico, o anúncio, o romance, o mito, etc. Cada um destes gêneros textuais varia de acordo com os contextos de situação, posição social e relacionamento pessoal dos interlocutores e outras circunstâncias. Tal como referi num mimeo que produzi recentemente (LOPES, 2015a) para o curso de doutoramento em ciências da linguagem aplicadas ao ensino de línguas na Universidade Pedagógica de Maputo, os gêneros textuais são textos que ocorrem na vida quotidiana dos indivíduos e na sociedade, em geral, e que apresentam características discursivo-comunicativas instanciadas pela temática da interação, pela construção da composição e por outras propriedades funcionais que incluem *o estilo e o registo* sociolinguístico.

Os *tipos textuais (text-types)* são linguística e discursivamente definidos pelos seus aspectos sintácticos, lexicais, lógicos, retóricos e cognitivos que intervêm na sua composição. Exemplos de tipo textual são a narração, descrição, definição, argumentação, comparação, contraste, análise, síntese, relações de ordem temporal e espacial, causalidade e resultado, explicação, predição, etc. Se pegarmos num género textual como, por exemplo, o *romance* em que a tipologia textual é essencialmente de natureza *narrativa*, constata-se a ocorrência de um relato de acontecimentos, factos ou situações, reais ou imaginários, e que envolve personagens em contextos temporais e espaciais. Assim, neste género textual do romance predomina o tipo textual da narração, com ênfase em relações temporais e espaciais de anterioridade e posterioridade. O aprendente e/ou utente de uma língua deve aperfeiçoá-la através do melhoramento das habilidades orais e escritas de interpretação e produção do género textual e dos tipos textuais que o acompanham e que enquadram as formulações idiomáticas processadas.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

As formulações idiomáticas constantes do projecto foram sendo registadas, em larga medida, ao longo das últimas quatro décadas, a partir da produção oral e escrita de alunos do ensino secundário e superior em Moçambique e também a partir da imprensa. Para a comparação e contraste entre as línguas portuguesa e inglesa consultámos dezenas de livros e dicionários. Infelizmente, as dimensões discursiva e retórica da linguagem idiomática nessas obras consultadas pauta-se ainda por uma abordagem e tratamento que não vai muito além da pragmática. Quanto à língua xichangana, e para além de alguma recolha e tratamento de provérbios sobretudo por parte de missionários, as obras de referência escasseiam. Quanto a um *Léxico de Usos* trilingue (português-inglês-xichangana), compilado através de uma abordagem discursiva, como o que resultou do projecto, os autores acham que o trabalho de pesquisa foi pioneiro. Esperamos que com o início desta pesquisa, possamos contribuir para o alargamento da análise, que tenha por base um enquadramento categorial, cada vez mais aperfeiçoado, do tipo aqui utilizado. Este esforço, ainda modesto, exige a continuação de amplas e múltiplas reflexões sobre as competências transculturais e translinguísticas dos diferentes aprendentes e utentes de língua que têm vindo a adquirir conhecimentos e habilidades para funcionarem na sua língua e na sua cultura (intra-linguismo e intraculturalismo) e, no caso de Moçambique, também na língua e cultura que aos moçambicanos de norte a sul e de leste a oeste do país lhes é mais próxima de forma continuada, que é o português, língua

oficial (interlinguismo e interculturalismo). São necessários mais e muitos estudos contrastivos, abarcando também, naturalmente outras línguas bantu de Moçambique, quer sob forma de pesquisa interlíngua e intercultural, contrastando duas línguas, de pesquisa intralíngua e intracultural, comparando formulações no seio de uma mesma língua, quer sob forma de pesquisa translíngua e transcultural, contrastando três ou mais línguas.

Uma das razões por que a linguagem idiomática é, muitas vezes, difícil de tratar e sobretudo traduzir é porque estamos perante uma área da linguagem que é certamente a mais próxima da cultura, estabelecendo importantes vínculos com a educação, poderoso agente de transmissão e preservação cultural. Ao discutir a dinâmica e a mecânica do translíngua e transculturalismo, é necessário entender melhor (e pesquisar) o que os comunicadores, os alunos, os que gostam de línguas, os especialistas das ciências de comunicação, os docentes e os jornalistas realmente fazem quando comunicam com sucesso, articulando-se o conhecimento partilhado do código linguístico, conhecimento partilhado de convenções retórico-discursivas e o conhecimento partilhado de dimensões não-linguísticas da experiência, incluindo a sua visão do mundo.

CROSS-LINGUISTIC AND CROSS-CULTURAL COMMUNICATION WITH EMPHASIS ON IDIOMATIC LANGUAGE: A DISCOURSAL CONTRASTIVE ANALYSIS BETWEEN PORTUGUESE, XICHANGANA AND ENGLISH

Abstract: Learning and handling rules of idiomatic language *usage* (rules that contribute to formal appropriacy and cohesion in text), as well as rules of idiomatic language *use* (rules that contribute to functional appropriacy and discourse coherence) will enhance mastery of idiomaticity, if language learners are explicitly informed of the discursal and rhetorical properties involving the target realisation in question. Thus, major discursal and rhetorical infelicities created by a native or second language interference will tend to occur less frequently when explicit discursal contrastive analysis-based learning is implemented. The Portuguese-Shangaan-English project in the Mozambican context is a step in that direction.

Keywords: Idiomatic language. Multicultural contrasts. Multilingual lexicon of usage.

REFERÊNCIAS

- HOEY, M. *Lexical priming: a new theory of words and language*. London: Routledge, 2005.
- LOPES, A. J. *A batalha das línguas. Perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique/The battle of the languages. Perspectives on applied linguistics in Mozambique*. Maputo: Livraria Universitária, 2004.
- LOPES, A. J. Língua portuguesa em Moçambique. *Revista Brasileira* [da Academia Brasileira de Letras], Rio de Janeiro, n. 74, p. 133-150, jan./fev./mar. 2013a.

- LOPES, A. J. *A batalha das línguas*. Perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique. Luanda: Editora das Letras, 2013b.
- LOPES, A. J. Língua portuguesa em Moçambique. As timakas e os milandos revisitados. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa e lusofonia*. São Paulo: Educ, IP-PUC-SP, 2014. p. 35-51.
- LOPES, A. J. *Gêneros textuais e tipos textuais*. Texto para o curso de doutorado em ciências da linguagem aplicadas ao ensino de línguas. Maputo: Universidade Pedagógica, 2015a. Mimeografado.
- LOPES, A. J. Política linguística: terra de ninguém, terra de todos. Notas a partir de um posto de observação moçambicano. In: MARTINS, M. L. (Org.). *Lusofonia e interculturalidade*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2015b. p. 197-226.
- LOPES, A. J. Uma abordagem à idiomaticidade no contexto plurilingue e pluricultural de Moçambique. In: CONGRESSO LETRAS EM REDE, 2., 2015, São Paulo. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015c.
- LOPES, A. J.; MABASSO, E.; LANGA, P. *Com todos os efes e erres. Para um léxico de usos idiomáticos – português-inglês-xichangana/ With all the bells and whistles. Towards a lexicon of idiomatic usage – Portuguese-English-Shangaan/ Kudlaya nsuna ni bawa*. Maputo: Imprensa Universitária. No prelo.
- WIDDOWSON, H. G. *Teaching language as communication*. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- WOOD, D. *Formulaic language and second language speech fluency*. London: Continuum, 2010.
- WRAY, A. *Formulaic language and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Recebido em fevereiro de 2016.

Aprovado em março de 2016.